



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 75

Questões de fé

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Acho que dá pra dizer que todo mundo tem fé. Tem gente que tem fé em Deus – ou em deuses, ou em energias, ou em entidades... tem gente – como eu, aliás – que tem fé na ciência, no planejamento, na força de vontade.

A fé é uma espécie de bússola de cada um. No que a gente se baseia, no que a gente acredita pra ser quem a gente é. Era pra ser simples assim, mas o que mais tem por aí é gente se incomodando com a bússola – ou com a fé – do outro.

Na primeira história de hoje, a Marie Declercq conta de um puxão de orelha que ela levou de um praticante da mesma fé dela: a fé no bom jornalismo.

ATO 1 - 13 ALMAS NO ELEVADOR DO JOELMA

Marie Declercq: Em junho de 2023 eu publiquei uma matéria... e, dias depois, eu recebi um comentário sobre ela que me deixou meio injuriada. Era um tuíte, na

verdade. E ele não era desrespeitoso – longe disso. Só me pegou no meu brio de repórter séria, sabe? Porque o tuíte dizia assim:

"Seguem divulgando informações que não condizem com a realidade, quase 50 anos depois."

Marie Declercq: A minha primeira reação foi ficar puta da vida. Porque não só essa matéria era de um universo que, modéstia à parte, eu domino bastante... como esse trecho específico – que, segundo o autor do tuíte, não "condizia com a realidade" – era bem próximo de mim, de um jeito que eu já vou te explicar. Bom, vamos combinar que errar é humano... mas ficar com o ego machucado depois de levar um pito é mais humano ainda. "Quem esse cara pensa que é pra vir duvidar da minha apuração?" Eu fui googlar, né? E aí... eu tive que calçar as sandálias da humildade. Porque o cara realmente entendia do que ele tava falando.

Adriano Dolph: Melhoraram muito aqui.

Marie Declercq: Quando eu vi já estava assim. Tava bonito assim.

Marie Declercq: Pra lidar com o meu vacilo, eu não quis publicar só uma errata. Eu quis fazer a turnê "Errei, fui moleque" inteira. Eu liguei pro autor do tuíte e chamei ele pra me encontrar num lugar que é o centro da discórdia. A gente foi pro Cemitério São Pedro, no bairro da Vila Alpina, em São Paulo. E, bem, o cara que foi me encontrar no cemitério não era apenas um cara aleatório da internet. Era um colega de profissão.

Adriano Dolph: Adriano Dolph, jornalista, especialista nessa área dos incêndios, dos grandes incêndios de São Paulo, do Edifício Andraus, Joelma e Grande Avenida.

Marie Declercq: Quando os incêndios dos edifícios Andraus e Joelma aconteceram, o Adriano ainda não era nascido. Ele só lembra de ter acompanhado ao vivo na TV o incêndio do Grande Avenida, em 1981.

Adriano Dolph: Eu tinha seis anos, eu cheguei em casa com a minha mãe e tinha a imagem de um incêndio na TV. Um incêndio grande. Eu não tinha

muito discernimento para entender o que estava acontecendo, mas depois eu fui saber que era o incêndio do Edifício Grande Avenida, lá na Paulista.

Marie Declercq: Só que, mais do que a tragédia ali, em tempo real, o que mais impressionou o Adriano foi outra coisa. Outra tragédia.

Adriano Dolph: Foram reprisadas as imagens do Joelma. E aí começou as imagens das pessoas correndo no terraço. Aquela imagem nunca saiu da minha cabeça, as pessoas correndo lá no terraço.

Trecho do Globo Repórter de 1974

O primeiro alarme foi dado às 9 da manhã, no 12º andar, quando os escritórios começavam a funcionar. Em pouco mais de 20 minutos, os 25 andares do Edifício Joelma no centro de São Paulo estavam transformados em uma imensa fogueira impossível de controlar. A origem do fogo foi um curto circuito. Faltou equipamento aos bombeiros, faltou segurança contra incêndio no prédio. Faltou quase tudo no combate ao incêndio do Joelma.

Marie Declercq: Esse é um trechinho do Globo Repórter da época, da semana que o Joelma pegou fogo, em fevereiro de 1974. Se você quiser ver as imagens, o link pra esse vídeo tá lá na página desse episódio no site da Rádio Novelo. Essas são provavelmente as imagens que o Adriano viu, em 81. Eu também vi algumas vezes essas imagens na TV, em algum aniversário da tragédia, e é possível que você tenha visto também. Até porque o programa Linha Direta, da Rede Globo, dedicou um episódio inteiro ao incêndio do Joelma. Acho que dá pra dizer que quem viu não consegue esquecer dessas imagens: as pessoas nas janelas, desesperadas pra escapar das chamas.

Adriano Dolph: Ficou na minha cabeça, nunca mais saiu.

Marie Declercq: O Adriano costumava ser repórter esportivo. Mas uma hora esse interesse pelo Joelma falou mais alto, e ele resolveu pegar as ferramentas do jornalismo pra dar um mergulho mais fundo. Isso foi em 2004.

Adriano Dolph: Eu falei: "Eu vou escrever o livro que eu gostaria de ler, pra me aprofundar no assunto.

Marie Declercq: Só que, conforme o Adriano ia pesquisando, ele foi se dando conta de que as informações sobre o incêndio não estavam organizadas, consolidadas.

Adriano Dolph: Era muito precário. Você não sabia se era realmente verdade. Quem eram os acusados? Teve processo criminal? Os bombeiros, toda a operação, a questão das 13 vítimas.

Marie Declercq: A questão das 13 vítimas. 13 almas. 13 vítimas. Você tá prestando atenção nesse número, que eu sei. E, ok, eu sei que eu tô te devendo a informação de qual foi o meu erro, ou "incondizência" com a verdade. E eu juro que eu já vou chegar lá. Mas, antes, eu preciso contar uma história do Joelma bem mais recente – e de outra "editoria": a de política.

Bom, o edifício em si do Joelma resistiu ao incêndio, né? E, em 2010, o PSDB montou, exatamente nesse prédio, os comitês das três campanhas principais da legenda naquele ano: a do José Serra, pra presidência da república; a do Geraldo Alckmin, pro Governo de São Paulo e a do Aloysio Nunes, pro Senado. Depois do incêndio, o Joelma tinha mudado de nome: agora ele chama Edifício Praça da Bandeira, e até de número que passou de 182 pra 184 da rua Santo Antônio.

Mas como em ano eleitoral tudo é pauta, essa escolha dos tucanos não passou batida – de sediar comitês tão estratégicos num edifício que entrou pra história como palco de uma tragédia. Dá pra resumir a repercussão em uma frase – uma frase da matéria do Gilberto Scofield Jr. no Globo, em maio daquele ano. Vou ler aqui, abre aspas:

"No reformulado Joelma, reza a lenda, até hoje se ouvem gritos de pessoas pedindo socorro, à noite, nos andares de garagem ou de dentro dos elevadores."

Marie Declercq: "Ou de dentro dos elevadores". Guarda mais essa. Eu já vou falar do meu erro, eu juro, mas só mais uma informação importante de contexto: Eu morei três anos na frente do Joelma. Todos os dias, eu acordava pra fazer café e lá tava ele no meu campo de visão. Era uma sensação estranha, como se o prédio tivesse olhando pra mim – e não eu olhando pra ele. Antes de me mudar, eu já

conhecia não só a história do Joelma, claro, mas essa fama de "mal assombrado" dele, que o Scofield falou na matéria, mas eu nunca ouvi gritos à noite. E, se é que existe alguma maldição, ela não pegou no PSDB – pelo menos não no PSDB todo. Porque o Alckmin foi eleito, o Aloysio também... só o Serra perdeu pra Dilma no segundo turno.

O incêndio do Joelma é o terceiro maior incêndio registrado no Brasil, em número de vítimas. O primeiro é o do Gran Circus Norte-Americano em Niterói, de 1961, que deixou 503 mortos. O segundo é o da Boate Kiss em Santa Maria, em 2013, com 242 mortos. No incêndio do Joelma, o número oficial de mortos é de 181 pessoas. Esse número não é consenso, mas ele é o que o Adriano Dolph defende no livro dele, o "Fevereiro em Chamas".

Adriano Dolph: O fato é que a gente tem 181 laudos de necrópsia. Agora, se você me perguntar: "Você acha que faleceram mais pessoas?" Eu acho que faleceram mais pessoas. Por conta da dimensão da tragédia, ninguém estava preparado para aquilo. Então acho que alguns corpos acabaram ficando para trás.

Marie Declercq: Pode ter gente que morreu no incêndio do Joelma e não saiu na contagem oficial. Mas o Adriano descobriu, na pesquisa dele, que tem também gente que foi listada como vítima fatal, e não morreu.

Adriano Dolph: Então, eu fui um nome, um a um, checando. Então, diversas pessoas que eram apontadas como mortos não estavam mortos. Uma, inclusive, eu descobri, que ela está viva até hoje. Entrei em contato com ele e ele falou: "Ah, na época foi falado muita coisa, né?" E ele foi internado no hospital na época de Defeitos da Face, hoje a Cruz Vermelha, e ele teve queimadura, problema respiratório, mas ele saiu vivo e o nome dele foi dado como morto.

Marie Declercq: Dá pra perceber o tamanho da inconsistência desses dados com que o Adriano teve que trabalhar, né? E se tem uma coisa que eu aprendi nesses meus anos de jornalismo é que, quando as informações oficiais são incompletas, vão se criando as condições ideais de temperatura e pressão pra criação de "versões alternativas da realidade". Fanfics, alguns diriam. E, bom, foi numa versão

"alternativa" dessas que eu me fiei quando eu escrevi a tal reportagem que o Adriano criticou no Twitter. A fanfic, ou "versão alternativa da realidade", é a seguinte: durante o incêndio do Joelma, treze pessoas teriam ficado presas em um dos elevadores do prédio. E, quando elas perceberam que não iam conseguir escapar da tragédia, elas teriam se abraçado, num último gesto de humanidade. É lógico que eu não inventei essa história. Eu não trabalho com ficção – pelo menos não até agora.

Mas os treze desconhecidos abraçados no elevador se consolidaram como uma história real nascida das cinzas do Edifício Joelma. É raro ler alguma coisa sobre o incêndio sem mencionar os treze do elevador. Eu fiz a minha lição de casa, fui na hemeroteca, li reportagens da época... e não me atentei pro fato de que as primeiras menções aos treze mortos do elevador só começam a aparecer um tempinho depois do incêndio... eu errei, fui moleque. Fomos moleques, porque tem muita gente cravando essa história como verdade desde os anos 70. Mas essa história teve um salto de popularidade já nos anos 2000, com uma forcinha de um zelador do Cemitério São Pedro. E, claro, da imprensa.

Adriano Dolph: "Linha Direta" da TV Globo.

Marie Declercq: Muita gente assistiu aquele Linha Direta em 2005. O programa era um hit, e até andou pegando um hype recentemente. Mas naquela noite, de 30 de junho, eles dedicaram um programa inteiro ao incêndio do Joelma. E gastaram um tempo razoável nos treze do elevador. Não só no fato (fantasioso ou não) em si, dessas pessoas presas no elevador durante o incêndio... mas, principalmente, em tudo que veio depois.

Trecho do "Linha Direta" de 2005

Luís Nunes, o zelador do cemitério, tenta localizar de onde vêm os gritos.

Adriano Dolph: E isso chamou a atenção. "O que está acontecendo aqui?"

Trecho do "Linha Direta de 2005

Surpreendentemente, quando Luís joga água nos túmulos, os gritos silenciam...

Adriano Dolph: Aí ele teve a ideia de jogar água, imaginando que eram almas que estavam aflitas, que estavam ali sofrendo por conta do incêndio do Edifício Joelma. E, segundo ele, os gritos, os sussurros paravam à medida que você jogava a água. Então daí iniciou essa crença, que você trazendo aqui um copo d'água...

Marie Declercq: Eu tinha combinado de encontrar o Adriano justamente na frente daqueles treze túmulos. Porque o erro que ele apontou na minha matéria tinha a ver com isso.

Adriano Dolph: Com toda certeza, 100% de certeza, esses 13 corpos não foram encontrados em um elevador.

Marie Declercq: Vamos combinar que, ao contrário de muitas fanfics que vão se cristalizando por aí, essa história não dava pinta de ser mentira. Pra começo de conversa, tem os túmulos. Como contestar uma coisa tão física, tão real, quanto um túmulo? Treze, ainda por cima. Quando o Adriano começou a pesquisa dele, ele já tinha ouvido falar das 13 pessoas abraçadas no elevador, claro. Essa talvez seja a história mais famosa do incêndio do Joelma. Só que (ao contrário de mim e do pessoal da produção do Linha Direta) ele reparou que as reportagens da época, do dia seguinte, das semanas seguintes, dos meses seguintes à tragédia... não falavam nada sobre pessoas presas no elevador durante o incêndio. O Adriano ficou com a pulga atrás da orelha. Um detalhe desses não ia passar despercebido pelos repórteres que tavam cobrindo ali, no quente, né? É história pra manchete, pô. Aí o Adriano cavou mais. Ele foi atrás dos laudos.

Adriano Dolph: Dos quatro elevadores, três estavam no térreo, intactos. Três realizaram viagens, chegou determinado momento que pararam no térreo e não foram mais usados. Já elimina três elevadores dessa hipótese das pessoas carbonizadas no elevador.

Marie Declercq: Três elevadores parados no térreo, vazios, com as portas abertas. O quarto elevador, segundo o laudo da polícia científica, tava parado no vigésimo andar do Joelma.

Adriano Dolph: E tem informação que uma ascensorista morreu.

Marie Declercq: Num trabalho de pesquisa como esse, feito em cima de dados escassos, colhidos muito tempo demais depois dos fatos, o Adriano conseguiu vários feitos – de construir certezas e de desmontar fanfics. E ele tem certeza de que essa história dos treze desconhecidos presos no elevador durante o incêndio... não aconteceu. Mas e os treze túmulos ali na nossa frente?

Adriano Dolph: Cada uma dessas pessoas tem um laudo de necropsia. E também estão no livro aqui de sepultamento no cemitério de Vila Alpina. E tem a causa da morte de cada uma delas.

Marie Declercq: O Adriano descobriu, inclusive, que essas treze pessoas sequer foram sepultadas no mesmo dia. A primeira leva, de sete pessoas não identificadas, foi enterrada no Cemitério São Pedro no dia 6 de fevereiro de 1974. Muita gente acompanhou o enterro — imprensa e curiosos. A segunda leva foi enterrada no dia 1 de março. Um mês depois do incêndio.

Adriano Dolph: O segundo sepultamento tinha pouquíssima gente. Então, talvez esse seja um detalhe que ninguém se lembre, porque eles não foram sepultados na mesma data. Então, foram sete e depois mais seis. Desses 13, além deles terem sido encontrados em lugares diferentes, foram encontrados em andares, locais, situações completamente diferentes e causa de morte diferentes.

Marie Declercq: São várias as possíveis causas de morte em um incêndio das proporções do Joelma. A gente logo pensa em carbonização ou asfixia – mas pensa que pessoas desesperadas podem decidir pular da janela, que estruturas do prédio podem ceder... e gente pode ser pisoteada tentando fugir.

Entre essas treze vítimas desconhecidas, duas delas tinham como causas da morte "choque traumático", enquanto as demais tinham sido carbonizadas, mesmo. O que põe em xeque, de novo, aliás, a ideia de que todas foram encontradas no mesmo lugar.

Os caixões chegaram lacrados no cemitério. Os objetos pessoais encontrados com as vítimas, segundo o Adriano, foram fotografados e enterrados junto com elas. Nas reportagens publicadas nas semanas seguintes ao incêndio, a dificuldade de identificar alguns corpos foi bastante mencionada. Demorou um mês até divulgarem uma lista com alguns nomes de pessoas desaparecidas que possivelmente estavam no Joelma durante o incêndio.

Adriano Dolph: Mas, desses 13 corpos, dez tem o registro de desaparecimento, dez eram funcionários do banco Crefisul... Tem três que é um grande mistério. Ninguém sabe quem são. Então a gente pode imaginar uma série de hipóteses, pessoas que estavam buscando o primeiro emprego, que vieram de outro estado ou de outra região do país, que não tinham parentes realmente para fazer algum tipo de reconhecimento, uma associação ao desaparecimento delas com o incêndio do edifício Joelma.

Marie Declercq: Eu fiz questão de marcar com o Adriano Dolph no cemitério São Pedro numa segunda-feira porque eu sabia que esse é, digamos, um dia "prime" dos frequentadores de cemitérios: é porque é o dia das almas. E, mesmo 50 anos depois da tragédia do Joelma, eu sabia que ia ter gente ali visitando aqueles túmulos. E, não, não eram parentes, amigos das vítimas do incêndio. Logo depois dos enterros, esses túmulos passaram a receber visitas frequentes não só de quem conheceu alguma vítima do Joelma... mas também de curiosos... e por causa de outra coisa. Outra coisa que dura até hoje. A matéria que eu tinha publicado no UOL, aliás, era sobre isso. O título da minha matéria era "Devoções marginais", e a pauta era um fenômeno que tinha alugado um triplex na minha cabeça desde que eu tinha ouvido falar: os milagreiros de cemitério.

Marie Declercq (lendo as placas): *“Gostaria de agradecer às 13 Almas pela graça alcançada, a compra da casa... a graça pré-alcançada. Agradeço às 13 Almas Benditas pelas graças recebidas...”*

Marie Declercq: As treze almas benditas, as almas das vítimas não-identificadas do incêndio do Joelma, elas tavam logo no abre, no comecinho da minha reportagem. E eu reproduzia ali a fanfic do elevador, que nem o Linha Direta, daí o pito absolutamente legítimo do Adriano Dolph. Tá bom, eu errei, mas em minha defesa a minha matéria não era sobre como as treze almas benditas tinham morrido. Era

sobre a devoção que elas atraíam. Que elas atraem. Atraem pelo menos desde os anos 70, que é de quando eu encontrei os primeiros registros dessa devoção nos jornais. Devoção na forma de pessoas deixando flores, acendendo velas e deixando copos e garrafas d'água em cima dos túmulos. E a devoção era tanta que o próprio cemitério São Pedro precisou se adaptar.

Eu tirei uma foto do memorial às treze almas, e essa foto também tá lá no site da Rádio Novelo. Mas eu vou tentar descrever pra você entender do que eu tô falando: são treze túmulos sem nome – treze retângulos de concreto enfileirados –, na frente de uma estátua do Cristo Redentor. Todos estão pintados de azul. Do lado dos túmulos, tem um velário – uma estrutura pros visitantes acenderem velas. E também uma capelinha, com bancos de madeira, voltados prum altar cheio de flores artificiais, e a primeira página de um jornal sobre o incêndio enquadrada na parede. Na capelinha, eu encontrei também uma pilha de santinhos religiosos com reprodução de anjos, santos e pessoas rezando perante umas chamas. E, atrás do desenho, uma prece: Oração às Treze Almas. Por causa da investigação do Adriano, a gente sabe que a história das treze almas não aconteceu do jeito que todo mundo conta. Mas, nesse caso, será que a verdade importa?

Marie Declercq (lendo as placas): *Agradeço às 13 almas do Edifício Joelma pelas graças alcançadas, em especial, a venda da caminhonete. Data 2: de fevereiro de 2022.*

Marie Declercq: Eu conheço poucos cemitérios que não têm pelo menos um túmulo de um milagreiro. É até fácil de encontrar, porque costumam ser túmulos lotados de placas de agradecimento e com rastros de velas queimadas ao redor. Se você for em uma segunda-feira, que nem o dia que a gente tava ali, é batata. Eu já conheci devotos de milagreiros católicos, espíritas, umbandistas e candomblecistas. Naquele dia, ali no cemitério São Pedro com o Adriano, eu não me senti à vontade pra incomodar as pessoas que tavam ali rezando e fazendo rituais. Mas eu fiquei com vontade de conversar com uma fonte que já me ensinou muito sobre os milagreiros.

Thiago de Souza: O milagreiro do cemitério só existe porque alguém acredita nele. E eu acho que aí está a beleza toda do fenômeno, porque é

uma relação que se estabelece entre uma pessoa, normalmente, uma pessoa do mesmo bairro, da mesma região.

Marie Declercq: Esse é o Thiago de Souza. Ele criou um projeto chamado "O Que Te Assombra?", que envolve um canal no YouTube e passeios por cemitérios e lugares "mal assombrados" em São Paulo. Mas eu procurei o Thiago porque ele é um exímio catalogador de milagreiros e de devoções informais em geral. Ou seja, além das Treze Almas, tem um monte de outros milagreiros espalhados pelos cemitérios de São Paulo: por exemplo, no Cemitério de Santo Amaro, na zona sul da cidade, três milagreiros operam ali. Tem a Alzira, a Noeminha e o mais conhecido, o Bento do Portão. Em Santo Amaro, que na época era um município separado de São Paulo, o Bento era conhecido como um curandeiro e morador de rua muito querido por todo mundo da região. Ele era chamado de Bento do Portão, porque ele sentava na frente do portão das casas quando tinha fome, pra pedir comida. O Bento morreu em 1917, aos 42 anos, e foi enterrado em uma sepultura no Santo Amaro.

A devoção em torno do Bento começou em 1922, quando uma senhorinha doente foi visitar o túmulo pra pedir para que ele curasse um problema de saúde dela. O pedido foi atendido e, desde então, o Bento nunca mais deixou de ser procurado para realizar milagres. Existe até hoje um espaço especial reservado para ele no cemitério Santo Amaro, onde as pessoas vão fazer a oração e demonstrar gratidão pelos pedidos atendidos. Segundo o levantamento do Thiago, são 23 milagreiros espalhados em 11 cemitérios da capital.

Thiago de Souza: Como é o caso do Antoninho da Rocha Marmo.

Marie Declercq: O Antoninho da Rocha Marmo foi um dos primeiros milagreiros de que eu ouvi falar. O túmulo dele fica no Cemitério da Consolação, na região central de São Paulo, mas os restos mortais dele foram transferidos pra Capela de Nossa Senhora da Saúde, em 2021, no hospital que leva o nome dele, lá em São José dos Campos. O Antoninho foi um garoto que morreu em 1930 aos 12 anos.

Thiago de Souza: Porque era um menino católico.

Marie Declercq: Pelo que contam, Antoninho era católico desde muito pequeno. E por isso a família e os fiéis católicos que acreditam no poder milagreiro dele entraram com um processo de canonização dele na Igreja Católica, um processo oficial pra ele virar santo. O pedido foi acolhido em 2007 pela Igreja Católica e a fama de santidade dele está ainda em processo de avaliação em Roma, na Itália. Mas é raro que um milagreiro de cemitério seja reconhecido pela Igreja Católica e vire santo.

Thiago de Souza: A diferença fundamental é assim: santo popular, quem que fica santo popular? São Jorge. Santo Antônio. Por quê? O santo, a concepção da santidade, ela é uma outorga da Igreja Católica e o milagreiro de cemitério, ele tem um canal direto. Ele tem o WhatsApp do devoto. E tem um dado de generosidade do devoto, porque quando ele cola a placa de agradecimento, a graça alcançada, ele mostra para comunidade que aquela pessoa pode ajudar ela. "Esse túmulo aqui, essa criatura que está enterrada aqui, ela é divina e ela pode te ajudar, porque ela me ajudou."

Marie Declercq: Ok, você pode tá pensando: quando alguém faz uma promessa pra algum santo, ou pede alguma coisa pra algum orixá, publicamente, ela tá também, publicizando as ações dessa entidade, recomendando pra quem também tiver precisando de ajuda. O que muda, na verdade, é a falta de sistematização dessa fé dos milagreiros de cemitério, de rigor, de chancela. Eu chamei, naquela minha matéria, de "Devoção marginal", mas você pode chamar de "Fé desburocratizada", porque a única regra é: não tem regras. Minto: tem uma regra. O milagreiro precisa ter tido uma morte sentida. Ou sofrida pra ele, como um martírio, ou sofrida por quem gostava dele. As mortes no incêndio do Joelma ticam essas duas caixinhas: tanto a do martírio (morrer num incêndio, pensa num horror!), quanto a da comoção popular, de tanta gente acompanhando e sentindo aquelas mortes por tantos anos.

Thiago de Souza: Uma necessidade de você converter esse trauma em outra coisa. Então, a primeira coisa para mim, das treze almas é isso: uma necessidade imediata das pessoas em transformar um grande trauma em alguma outra coisa que seja um pouco mais palatável. Ou então imagetivamente também, pensar nas pessoas morrendo no elevador também

refaz um pouco o que a gente imaginaria do que seria uma experiência no inferno.

Marie Declercq: Em uma cidade como São Paulo, onde todo mundo vive dentro do seu próprio universo em crise, não deixa de ser mágico descobrir que pequenos milagres acontecem todos os dias. Pode não ser um milagre grandioso pra gente. Mas pra quem foi até o cemitério em um momento de agonia, é. No caso das Treze Almas, mesmo que a história não seja toda verdade, ela se tornou um símbolo de uma tragédia que poderia ter sido evitada. Foi um jeito bem "realismo fantástico" de impedir que uma cidade devoradora como São Paulo condenasse essa tragédia ao esquecimento coletivo.

De certa forma, é como se os cemitérios mostrassem pra gente que existe, sim, espaço pra vida persistir num local reservado para a morte. É por isso que eu gosto tanto de frequentar cemitérios. Eu não tenho parentes para deixar flores, mas gosto da disposição caótica das sepulturas, do silêncio que ele me oferece e a história diferente que cada um desses cemitérios tenta me contar quando eu passo dos portões principais. O problema é que os cemitérios provavelmente vão deixar de existir da forma que a gente conhece hoje. Até mesmo os cemitérios mais antigos e cheios de pessoas famosas, como o Cemitério da Consolação ou o Araçá, tão cada vez mais abandonados à própria sorte. Tudo que é de valor foi furtado dos túmulos – letras de bronze, vasos, adornos. Os muros tão caindo, as ossadas tão expostas, os corredores tão cheios de mato. Eu escrevi algumas reportagens sobre isso, mas ninguém parece se importar. Pelo contrário, muita gente acha fútil se preocupar com isso. Então, eu não sei dizer como vão ser os cemitérios daqui algumas décadas, mas imagino eles se tornando um mix entre um shopping e uma clínica médica muito limpa, só pra impedir que a gente pense na morte o máximo possível.

Todos os dias, pequenos fragmentos da história de São Paulo desaparecem do dia para a noite pra dar lugar a um mercadinho 24 horas, uma farmácia ou um prédio. Imagina quantos milagreiros como as Treze Almas desapareceram sem deixar rastros só porque o único devoto mudou de cidade? Ou porque o túmulo ficou tão velho a ponto de ninguém mais conseguir ler as placas de agradecimento? É muito fácil. Basta não ter alguém como o Thiago interessado em documentar essas crenças nascidas na margem.

Thiago de Souza: Então o importante, na verdade, desse tema do milagreiro é exatamente isso. Enquanto existir, não importa a quantidade de milagres, enquanto existir alguém que acredite, ele vai viver. E tem devoção que morre e devoção que nasce. O que é documentado não faz diferença para a devoção, porque essa é uma relação que se estabelece entre divindade e devoto. O devoto, ele vai decidir, junto com a divindade, quais serão as balizas, quais serão as dores que eles vão dividir.

Marie Declercq: Por enquanto, os milagreiros de cemitério são o grito de resistência desses locais esquecidos de São Paulo. Os últimos lugares onde a especulação imobiliária e a nossa obsessão de transformar qualquer espaço físico em algo "útil" ainda não venceu o inexplicável, o fantástico.

Branca Vianna: Essa foi a Marie Declercq, colaboradora da Rádio Novelo.

É muito comum a gente falar de fé em oposição a fato, a ciência, a construção de conhecimento. E até tem uma verdade nisso, né? Quando a gente fala de fé religiosa, geralmente a gente tá falando de crer sem precisar ver. De acreditar sem precisar de evidências. Só que mesmo as religiões – boa parte delas, pelo menos – trabalham com fatos, com histórias. Histórias que vão passando de mão em mão – aliás: de boca pra ouvido, ou de mão pro papel pro olho... com muitos intermediadores. Bom, se você já brincou de telefone sem fio, você sabe o que que tá em jogo. Recentemente eu conversei com um cara de muita fé – fé religiosa, mesmo –, e que também é um cara da ciência, dos dados... dados que norteiam a fé.

ATO 2 - TRADUZINDO A FÉ

Tarsílio Moreira: Meu nome é Tarsílio Soares Moreira.

Branca Vianna: A primeira coisa que eu preciso dizer é que o Tarsílio era um adolescente que lia nota de rodapé. A segunda coisa é que o Tarsílio era um adolescente que lia nota de rodapé... da bíblia.

Tarsílio Moreira: Na igreja e no ambiente formal a gente tinha aquela bíblia tradicionalzona do "Vós, filhos, obedecei a vossos pais" – aquela coisa. Mas no dia a dia eu ganhei uma Bíblia na Linguagem de Hoje, que nem existe mais. E nessa Bíblia Na Linguagem de Hoje, eu comecei a ler com notas. Ela tinha notas.

Branca Vianna: A terceira coisa é que o Tarsílio era um adolescente lendo uma edição anotada da bíblia... e ficando intrigado.

Tarsílio Moreira: E muitas vezes na nota estava escrito assim: "esse texto não está nos melhores manuscritos", ou "pode ser traduzido também desta forma". E dava outra. E às vezes coisas que me chocavam mais ainda que eram assim: a melhor forma de tradução talvez seja essa. Então por que não colocou lá em cima e colocou embaixo?

Branca Vianna: Na página, tava um texto. No rodapé, tava uma outra tradução, supostamente melhor.

Tarsílio Moreira: Porque tem a questão da tradição, que as pessoas esperam, porque sempre aprenderam e decoraram. E aí vem uma tradução diferente, que usa até um original diferente, vai dar problema.

Branca Vianna: “Dar problema” é quase eufemismo aqui.

Tarsílio Moreira: A gente está falando de um texto que é considerado a palavra de Deus. Então a pessoa aprendeu daquele jeito. Ela decorou o texto daquele jeito. De repente vem uma tradução e tira aquele texto, aquele versículo, tira aquela palavra, muda a palavra. Então isso causa um estranhamento.

Branca Vianna: Então dá problema também, porque a pessoa já decorou, que a pessoa está acostumada. Mas eu imagino que o fato de ser a palavra de Deus deve confundir um pouco a cabeça da pessoa, porque como é que a palavra de Deus era assim e agora é assado?

Tarsílio Moreira: Percebeu a dificuldade?

Branca Vianna: Eu sou ateia, filha de pais ateus, e sou uma nulidade em matéria de bíblia. Mas eu me interessei muito por tradução. Acho que deve ter muita gente que mal para pra pensar no fato de que a bíblia não foi escrita originalmente em português. As pessoas mal pensam nos tradutores de forma geral, na verdade. Mas é bem incômodo você pensar que um texto sagrado passou pela mãozinha suada de um tradutor humano antes de chegar até você. É uma coisa que, no limite, pode até abalar a fé de alguém. O Tarsílio não ficou abalado. Mas ele ficou intrigado. E ele foi atrás de saber mais.

Tarsílio Moreira: E aí então eu fui fazer letras. Eu fiz grego e português, depois voltei e fiz hebraico também.

Branca Vianna: Uau, que animado! Não tem aramaico lá não, né? Aramaico, português.

Tarsílio Moreira: Fiz aramaico, fiz curso de extensão de aramaico porque tem alguns trechinhos pequenos da bíblia que são em aramaico.

Branca Vianna: Hoje em dia, o Tarsílio é professor de teologia e pastor.

Tarsílio Moreira: E há muito tempo, desde o meu mestrado, presto muita atenção nas traduções bíblicas e também ensino sobre isso.

Branca Vianna: O Tarsílio queria me contar sobre uma história recente envolvendo a tradução bíblica. Na verdade, tá mais pruma treta de tradução bíblica.

Tarsílio Moreira: Ah, todo o mundo evangélico ficou sabendo. Se você é um evangélico brasileiro e não tava sabendo, é aquela pergunta: "Tava fora do país?" Porque é isso, todo mundo ficou sabendo, virou "Olha o herege, olha o maluco, olha que pecador desgraçado que está corrompendo a Santa Palavra de Deus". Aí eu fui atrás. Eu fui ler e falei, "Opa, que negócio é esse?"

Ariovaldo Junior: Me chamo Ariovaldo Carlos Junior, sou pastor de uma igreja evangélica no interior de Minas Gerais.

Branca Vianna: Esse é o tal do herege – que, obviamente, não se identifica assim. E eu já vou explicar o que, exatamente, o Ariovaldo fez. Mas antes, a gente precisa entender como que tudo começou.

Ariovaldo Junior: Quando eu cheguei numa igreja pela primeira vez – numa igreja evangélica, ali no meio dos anos 90, aconteceu uma coisa muito engraçada. Ainda estava tendo um embate muito grande até sobre as formas de tradução. A Sociedade Bíblica do Brasil lançou uma Bíblia que na época chamava a Bíblia na Linguagem de hoje.

Branca Vianna: Bíblia na Linguagem de Hoje era aquela bíblia que o Tarsílio ganhou quando era criança, a tal que tinha as notas de rodapé. Essa bíblia era diferente não só porque ela vinha com notas de rodapé.

Tarsílio Moreira: Foi quando eu percebi que dava para entender a bíblia e não só ficar decorando o versículo, que não dá pra entender nada.

Branca Vianna: A própria tradução dela tinha sido uma tentativa de deixar o texto mais acessível. E isso perturbou as pessoas.

Tarsílio Moreira: Por exemplo, se você tem o Pai-Nosso, o Pai-Nosso todo mundo sabe de cor.

Branca Vianna: É, esse até eu, que sou ateia, sei.

Tarsílio Moreira: De repente vem uma tradução que eu não usa o "vós". Usa assim: "O seu nome".

Branca Vianna: Aquele trecho: "Santificado seja o vosso nome"... virou: "Que todos..."

Tarsílio Moreira: "Que todos possam reconhecer que o seu nome é santo". Tirou aquela sequência que a pessoa tem na cabeça.

Ariovaldo Junior: As pessoas diziam assim: “Deus não fala assim”. E essa Bíblia foi queimada em praça pública.

Branca Vianna: Na verdade, ela não foi queimada literalmente. Mas ela foi bem criticada. A ponto de não ser reeditada.

Ariovaldo Junior: Aquela você praticamente não vai encontrar ela mais em lugar nenhum.

Tarsílio Moreira: Ela desapareceu, ela foi tirada do mercado. Eu tenho ela hoje, ela é raridade porque ela foi um teste, ela foi um lançamento pra ver como o mercado ia ver.

Branca Vianna: O mercado não gostou muito do que viu. Digamos que, ao contrário da maior parte dos mercados, o mercado das bíblias não é exatamente amigo das inovações.

Ariovaldo Junior: A bíblia que eu tive contato era uma bíblia extremamente conservadora nas palavras.

Branca Vianna: E esse “vós” não era porque essa era uma tradução antiga que ninguém se preocupou em atualizar. Tanto o Tarsílio quanto o Ariovaldo entendem que a formalidade é uma estratégia.

Ariovaldo Junior: A decisão de usar o português mais formal possível foi uma decisão da época em que surgiu a tradução pro português de que, considerando que esse texto era a Palavra de Deus, então isso deveria ser feito da maneira mais formal e rebuscada possível.

Tarsílio Moreira: Interessa a quem manter a bíblia inacessível? Porque tem igrejas e grandes denominações que dizem que a única bíblia que pode ser usada no culto é a mais difícil. A Almeida Revista e Corrigida. Esse camarada, ele cansou de isso. O Ariovaldo, ele cansou disso e ele foi para outro extremo.

Ariovaldo Junior: Eu pensei assim: “Poxa, já pensou se houvesse uma bíblia escrita na linguagem dos seres humanos? Duas pessoas conversando como dois amigos conversam na rua”.

Tarsílio Moreira: Ele queria colocar a bíblia na mão dos manos, da galera que ele conversava, levar para presídio, levar pros skatistas.

Branca Vianna: O Ariovaldo criou um blog, batizou de "Bíblia Freestyle", e começou a fazer esse experimento.

Ariovaldo Junior: A minha ambição era simplesmente trabalhar os textos e enviar para algumas pessoas, porque acaba tendo um caráter bem evangélico, no sentido de que atrai a atenção de pessoas que não teriam saco mesmo para ler o texto da bíblia.

Branca Vianna: A ideia inicial até podia ser essa. Mas, em algum momento, o Ariovaldo foi esticando a corda da Bíblia Freestyle e foi levando a “linguagem da galera” até as últimas consequências.

Ariovaldo Junior: Por exemplo, usar palavras como "foda" ou outras coisas que são muito comuns em duas pessoas conversando na rua, né?

Branca Vianna: Imagina o tamanho do barulho na comunidade evangélica?

Ariovaldo Junior: Aí eu fui amenizando porque eu falei: "Putz, fica parecendo que eu estou tentando provocar, instigar alguma coisa". No entanto, em outras ocasiões, não teve como eu tirar a mão, cara. Por exemplo, uma passagem muito interessante dos Evangelhos, eu não me lembro nem qual especificamente, mas que fala a respeito de quando Pedro vai negar Jesus três vezes.

Tarsílio Moreira: É em Mateus 26, né.

Branca Vianna: Naquela tradução que o Tarsílio tinha comentado que era a mais difícil – e a única que algumas denominações aceitam –, a Almeida Revista e Corrigida, diz que Pedro, ao negar Jesus, “começou a praguejar”.

Ariovaldo Junior: Pô, ele foi lá e xingou pra deixar absolutamente claro que ele não tinha nada a ver.

Tarsílio Moreira: Em Mateus 26, que está assim: “Por fim, a galera toda começou a desconfiar e disseram: 'Ah, maluco, teu jeito de falar dá a entender que você é um deles, sim!' E para escapar de ser pego, Pedro começou a xingar e a jurar: 'puta que o pariu, viu? Quantas vezes vou ter que falar? Eu juro que não conheço este homem’”.

Ariovaldo Junior: É bem por aí mesmo, né. O cara tá tendo uma reação violenta com palavras, deixando absolutamente claro que ele não tem nada a ver com aquilo.

Tarsílio Moreira: Você colocou na boca dele o que ele falaria se fosse aqui no Brasil daquele jeito.

Ariovaldo Junior: Ainda pegando leve, né? Mandaria tomar naquele lugar, né? Se fosse hoje em dia a galera falando na rua, né?

Branca Vianna: Ok, o Ariovaldo pode até ter "pegado leve" nesse trecho. Mas em outros, digamos que ele não segurou a mão. Olha esse trechinho aqui, de Marcos 4:

Jesus então tirou grandão seus discípulos: “Até agora vocês tão nessa bundamolice de não crer?”. E a turma toda meio que sujou a cueca só de pensar nas coisas que Jesus era capaz de fazer.”

Branca Vianna: Ou esse outro trechinho aqui, de Lucas 7:

Ao ver esta cena, o religioso começou a falar baixinho: “Se Jesus fosse mesmo tão foderoso quanto dizem, saberia que essa vagabunda aí não vale nada”.

Tarsílio Moreira: Coisa de dez anos atrás, foi um debate absurdo no meio evangélico. Por conta dessas coisas. Como é que alguém coloca um

palavrão na boca de Pedro? Como é que alguém fala que o José não queria a Maria porque aquela história cheirava a chifre?

Branca Vianna: A história super cheira a chifre.

Branca Vianna: Aqui a gente tava falando sobre a gravidez virginal de Maria, mãe de Cristo. Dogma absoluto do cristianismo, e que até hoje é motivo de polêmica por causa da tradução. A gente vai falar disso mais adiante. Mas, por enquanto, foco aqui na Bíblia Freestyle.

Ariovaldo Junior: Uma das primeiras brincadeiras que eu coloquei no texto no Evangelho de Mateus foi sobre José pensar que essa história da Maria cheirava a chifre. Ela falar que está grávida e foi o Espírito Santo. Aí todo mundo fala assim: "Cara, isso é muito pesado". Eu falei: "Cara, se coloque no lugar de José. Leia o que o texto bíblico está dizendo". O texto está dizendo que ele, diante daquela situação, cogitou deixá-la secretamente. Ele amava aquela mulher que, se ele não amasse, ele a deixaria publicamente e ela seria apedrejada como adúltera, já que o noivado e o casamento pro judeu já era um compromisso da mesma natureza. Então ele amava essa mulher, não há dúvida. Mas esse intuito de deixá-la secretamente é porque ele tinha com certeza a ideia de que tinha coisa errada nessa parada.

Branca Vianna: O próprio Ariovaldo não descreve o texto dele como uma tradução. Ele diz que é uma paráfrase. E eu não vou entrar no mérito das definições de tradução, versão, e paráfrase, porque a gente não tem tempo nem paciência pra isso – e, nem que tivesse, não é como se existisse consenso. Mas fato é que, pro Tarsílio, que já estudou os textos bíblicos nas línguas originais, tem vezes que o texto do Ariovaldo é até melhor do que muitas traduções oficiais. Por exemplo, o termo grego koitos.

Tarsílio Moreira: É muito difícil. Cada um traduz de um jeito: "imoralidade", "ação ilegal"... Ele coloca "putaria". Na Almeida Revista e Atualizada, diz o seguinte: "Andemos dignamente como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada dispõe para a carne no tocante às suas concupiscências".

Branca Vianna: Vamos combinar que é difícil seguir o conselho de evitar "impudicícias", "dissoluções", e "concupiscências" se você não tem certeza do que sejam essas coisas todas, né? Aí o Ariovaldo traduziu assim:

Tarsílio Moreira: "Vivam honestamente, não vivam comendo ou bebendo além do que convém, não fiquem procurando negócios desonestos, nem se metam com putarias, nem invejem ou briguem. Vistam-se das coisas de Jesus e não se dediquem aos desejos do corpo". Eu achei fantástico!

Branca Vianna: Acho que eu não preciso dizer que nem todo mundo achou fantástico, né?

Ariovaldo Junior: Era muito engraçado ver o público religioso xingando, cara. Nossa, escrevendo barbaridades, assim, até nos próprios comentários.

Branca Vianna: O retorno nem sempre era negativo. Segundo o Ariovaldo, pastores, tradutores bíblicos, e até estudiosos se interessaram pelo projeto, e quiseram ajudar a melhorar o texto... mas sempre com a condição de que eles não fossem mencionados no blog porque o negócio tava radioativo.

Tarsílio Moreira: Eu até perguntei pra ele: "Qual é o seu arrependimento?" Ele fala: "Meu arrependimento é ter colocado meu nome. Devia ter feito um pseudônimo".

Ariovaldo Junior: Sinceramente, eu ainda faço as contas a respeito do preço que é você ter que aguentar as pressões por conta dessas coisas.

Branca Vianna: Quer dizer: se desse pra voltar atrás, a única coisa que ele faria de diferente seria preservar a própria identidade. Porque a importância do projeto, em si, pra ele, tá muito clara.

Ariovaldo Junior: A língua da gente é uma língua viva. Aquilo que você traduz de uma maneira numa época, passa dez anos, como a nossa língua está viva, ela deforma o significado das palavras. E essa deformação faz com

que seja necessário traduzir de novo e de novo e de novo. O tempo todo tem que ficar saindo versão nova.

Branca Vianna: A tradução da bíblia que o Tarsílio estudou no mestrado dele era uma tentativa – que nem a do Ariovaldo, mas bem menos radical – de dar essa atualizada. Ela se chama "Nova Tradução na Linguagem de Hoje" – que não é exatamente a mesma bíblia que o Tarsílio lia na juventude, aquela lá das notas de rodapé, que parou de ser editada... é uma nova tradução, revista, e já com algumas polêmicas amenizadas. Mas as duas tentativas de tradução seguem os mesmos fundamentos de um linguista e pastor batista chamado Eugene Nida. Pro Nida, bíblia boa é bíblia que dá pra entender.

Tarsílio Moreira: Ele vai até dizer uma frase que é a seguinte: que o maior elogio que pode ser feito por um tradutor é ter uma pessoa lendo e dizendo: "Eu não sabia que Deus falava a minha língua".

Branca Vianna: Bonito isso.

Tarsílio Moreira: Né? Então, e então ele vai propor essa ideia de que o sentido tem prevalência. O sentido tem que chegar, e não a forma.

Branca Vianna: Na verdade, essa talvez seja a treta mais antiga entre os tradutores – e não só entre tradutores da bíblia. É o seguinte: existe sempre uma distância entre o texto que você vai traduzir e o leitor que vai ler o texto traduzido. A treta ainda não tá aí. Isso é uma verdade incontestável, porque, se não existisse essa distância, o texto não ia precisar de tradução, né? Então, já que existe essa distância, você, como tradutor, tem basicamente dois caminhos a seguir: o primeiro é levar o texto até o leitor. Quer dizer: incluir contextos, amenizar referências estranhas pro universo do leitor... deixar o texto mais próximo da realidade dele. O segundo caminho possível é: levar o leitor até o texto. É assumir que o universo do autor e o universo do leitor são muito diferentes. O tradutor que segue essa linha entende que o estranhamento é parte da leitura. Então o texto traduzido acaba obrigando o leitor a sentir um pouco mais da língua e da cultura de origem. Claro que isso é uma simplificação. Toda tradução é feita de milhares de micro decisões a todo momento. Mas, basicamente, tem essas duas escolas. E tanto o Tarsílio,

quanto o Ariovaldo, quanto o Eugene Nida, são do primeiro time. O time a favor de: “levar o texto até onde o leitor estiver”.

Tarsílio Moreira: O leitor não pode ficar em dúvida. Ele não pode depender do pastor, do padre, do sacerdote para explicar. Ele mesmo tem que entender... Que é um ideal até da reforma de Lutero.

Branca Vianna: Pois é. Quer dizer que essa ideia de tradução diferente já é antiga, né? Não deve ter sido a primeira que causou polêmica.

Tarsílio Moreira: Todas causaram.

Branca Vianna: Todas causaram.

Branca Vianna: Ninguém gosta muito da ideia de tradução. As pessoas não querem mudar um texto que muita gente conhece, que tem até trechos decorados, há séculos. Mas chega uma hora que ninguém entende mais o que esse tal texto quer dizer.

Tarsílio Moreira: No século III, IV depois de Cristo, tem a necessidade pra traduzir para o latim. Que aí vira a Bíblia Católica, a Vulgata. Tem texto até do próprio Santo Agostinho dizendo que não era bom ter essa bíblia em latim, porque as pessoas já sabiam de cor o texto grego, já sabiam a sequência de cor e isso ia dar problema.

Branca Vianna: A coisa curiosa é que com o tempo, muitas dessas traduções polêmicas, essas que deram fogueira, acabaram virando cânone. A bíblia em latim, que o Santo Agostinho tinha falado que ia dar ruim, virou um texto consagrado – e até o tradutor foi canonizado, virou São Jerônimo, o santo padroeiro dos tradutores.

Heloísa Pezza: É um caso bem interessante, né, tradução bíblica.

Branca Vianna: Essa é a Heloísa Pezza, que foi professora do Tarsílio na USP, na disciplina de estudos da tradução. A Heloísa não é especialista em tradução bíblica – mas quem estuda tradução não tem como evitar a bíblia.

Heloísa Pezza: É o livro mais traduzido, para uma maior diversidade de línguas.

Branca Vianna: Falar da tradução da bíblia é, de certa forma, falar da história da tradução. Porque traduzir a bíblia é tipo pegar todas as dificuldades da tradução e elevar à enésima potência. Pra começar, é um texto muito antigo. Mas o negócio é que não é um único texto antigo. É uma coletânea de vários textos originalmente escritos em muitas línguas diferentes, ao longo de muito tempo, por muita gente.

Heloísa Pezza: E você tem livros que sequer se sabe qual é a autoria.

Branca Vianna: Existe até uma parte da bíblia que diz que ela não deve ser traduzida, que não é pra mexer numa letra sequer. Só que se você não mexer nas letras do texto original só quem fala grego koiné – o grego antigo – que vai entender. E só esse trecho, né? E como é que vai traduzir sem mexer nas letras?

Heloísa Pezza: Qualquer tradução muda todas as letras do texto.

Branca Vianna: Eu já falei que as pessoas não costumam pensar sobre a tradução. Mas, quando elas pensam, acho que muita gente pensa que é só pegar o texto, pegar o dicionário, e usar um termo pra decifrar o outro. Só que não é bem assim.

Heloísa Pezza: Pega uma palavra, qualquer palavra. Normalmente, se você for com ela fora de contexto no dicionário, ela vai ter no mínimo duas acepções diferentes. Quando não tem 20, 30 acepções.

Tarsílio Moreira: Sim.

Heloísa Pezza: Então, quando aquela palavra aparece para você num texto, na hora que você recorta a acepção em que ela tá naquele texto, você vai fazer isso a partir das palavras que estão vizinhas a ela, e do contexto mais amplo daquele texto, você já está interpretando, certo?

Marcelo Berti: Então, se você estivesse lendo, por exemplo, um texto nos evangelhos no qual Jesus Cristo faz uma afirmação em um evangelho, e

essa mesma afirmação aparece em outros evangelhos, se você solta isso na mão de três tradutores diferentes, um em Mateus, um em Marcos, outro em Lucas, é possível que eles coloquem essa mesma frase em termos diferentes.

Branca Vianna: Esse é o pastor Marcelo Berti. E o Tarsílio quis falar com ele porque o Marcelo trabalhou recentemente na revisão da Nova Versão Internacional da Bíblia – que faz parte de um projeto de uma organização americana chamada Bíblica. Esse mesmo projeto tinha feito uma primeira tradução direto dos originais – em hebraico, grego e aramaico – na virada dos 90 pros 2000, e agora tá fazendo uma nova revisão.

Tarsílio Moreira: Eu achei que ele ia trazer só a explicação básica de que a língua viva, a língua muda. Então, a cada dez anos tem que ter uma revisão. Mas ele trouxe também as descobertas científicas e a tecnologia. Então se descobriu muita coisa desde a época em que foi feita, arqueologia, achados e tal. Mas principalmente a tecnologia mudou. Então hoje a gente tem ferramenta de bíblia que o pessoal naquela época não tinha.

Marcelo Berti: Um desses recursos digitais, por exemplo, ele coloca em paralelo todos os textos do Antigo e do Novo Testamento que mostram todas as vezes que nós traduzimos esses textos paralelos de maneiras distintas. O que nós teríamos que fazer de maneira manual no passado, o programa consegue demonstrar isso para nós em um clique.

Branca Vianna: Nessas comparações, cotejando trechos, é possível encontrar inconsistências textuais dentro da própria bíblia que muitas vezes, aliás, são causadas pelos diferentes processos de tradução. E, de novo, isso pode ter consequências pra maneira como a gente lê o texto.

Tarsílio Moreira: Por exemplo, tem um fato que é muito ousado de alguns tradutores em que no Novo Testamento – os autores do Novo Testamento não usam como base a bíblia em hebraico do Antigo Testamento da Bíblia Hebraica. Eles usam já a tradução grega. Então, quando os autores do Novo Testamento citam o Antigo Testamento ou a Bíblia Hebraica como a gente quiser chamar, eles não estão citando aquele hebraico que a gente tem,

como o original do texto crítico. Eles estão citando a tradução grega. E isso acaba gerando muito problema, porque quando você vai comparar "Assim disse o profeta" e aí você lê o que está no Novo Testamento, vai para o Antigo na mesma passagem, não está igual.

Branca Vianna: Chega a ser diferente, assim? "Assim disse o profeta", e aí o profeta diz uma coisa no Antigo Testamento e outra coisa no Novo Testamento?

Tarsílio Moreira: Em termos de sentido é muito parecido, mas a estrutura varia bastante. Então, quando eu era adolescente, eu comparava e dizia: "Ué, mas não é, né?" Talvez o caso mais clássico disso seja o texto da virgindade de Maria.

Branca Vianna: Olha aí.

Tarsílio Moreira: Em que em Isaías, no hebraico, ele usou um termo que pode ser "jovenzinha".

Branca Vianna: No Antigo Testamento.

Tarsílio Moreira: E o Isaías, quando fala "a virgem dará à luz" – na verdade, ali não é necessariamente "virgem". É "a jovenzinha", que, dependendo do contexto situacional, até poderia ser virgem, mas é "a jovenzinha". A tradução grega, muito antes de Jesus, traduz por "virgem". "Parthenos", em grego: "virgem".

Branca Vianna: Tentando resumir bem essa história: no Antigo Testamento, numa parte escrita originalmente em hebraico, o profeta Isaías diz que o Messias vai nascer do ventre de uma mulher "almah" – "Almah", tipo "alma", com um H no final, que é uma palavra em hebraico que significa "jovem". Só que a bíblia hebraica foi traduzida pro grego. E aí, nessa tradução, "almah" virou "parthenos", que tem essa acepção mais estreita, de virgindade. Daí, corta pro Novo Testamento. Quando Mateus, discípulo de Cristo, foi escrever o evangelho dele, ele – que já era versado na bíblia em grego – argumentava que Cristo era o Messias porque a mãe dele era virgem, conforme anunciado pelo profeta Isaías séculos antes.

Tarsílio Moreira: Então, quando no Novo Testamento, o autor Mateus, ele vai citar esse texto, ele já cita também como "virgem". E aí alguns falam: "Ah, mas Mateus inventou". Ele não inventou. Ele usou a tradução grega. E aí a gente tem um dogma firmado nesse texto em que eu conheço uma ou duas só traduções que ousaram em Isaías traduzir por "jovem". Todas as outras traduzem por "virgem", mesmo dizendo que traduzem do hebraico, mas, na verdade, ele está usando a tradição do texto grego, percebe?

Branca Vianna: Mas isso me parece uma diferença imensa, imensa, muito maior do que a do Pai Nosso de questões de estruturas... Porque, sendo mulher, eu devo dizer que a virgindade de Maria é uma coisa que afetou a vida de todas as mulheres desde então. Essa valoração da virgindade, de modo geral, né? Isso é um problema pras mulheres por séculos e séculos e séculos, né, essa coisa, um homem não tem que ser virgem, a mulher tem que ser virgem, tem que proteger sim quem vai ser o filho e tem que prender a mãe em casa, que é para a mulher não perder a virgindade. E a questão da virgindade de Maria tem muito, muito a ver com essa tradição patriarcal de que a mulher tem que ficar virgem, de que a mulher que não é virgem é prostituta. Então, se é um erro de tradução, é uma coisa bastante.

Tarsílio Moreira: Bastante significativa.

Branca Vianna: Enfim, não digo um erro, mas uma divergência de tradução, porque a gente sabe que as traduções são assim mesmo.

Branca Vianna: As traduções são assim mesmo. A diferença é que a bíblia não é qualquer texto.

Tarsílio Moreira: A gente está falando de um texto que é considerado sagrado.

Branca Vianna: Uma parte do problema, por assim dizer, é a tentativa de manter uma continuidade textual ao longo de séculos, num longuíssimo jogo de telefone sem fio. Como é que um mesmo texto consegue se comunicar com grupos tão diferentes ao longo de tanto tempo? De certa forma, a resposta pra esse desafio da

impermanência talvez tenha que ser: abraçar a impermanência. A ideia de que, pra qualquer obra continuar fazendo sentido, ela tem que ser feita e refeita, sem medo do que essa refação, essa interpretação, possa significar.

Ariovaldo Junior: Eu acho que o esforço da gente por tentar contextualizar ideias, se ele for acompanhado de alguma ambição de longo prazo, eu acho que a gente está sendo ingênuo. Acho que é tudo muito descartável.

Branca Vianna: Esse, de novo, é o Ariovaldo, o da Bíblia Freestyle. Ele tem consciência de que o texto dele é descartável, que vai envelhecer rápido, mesmo. Mas a ideia é que, no aqui e agora, ele possa servir um propósito.

Ariovaldo Junior: A quantidade de mensagem que eu recebi me xingando não foram poucas, não, mas a de que eu recebi de pessoas contando como foram abençoadas, ou como às vezes tinha uma visão preconceituosa a respeito da fé em Cristo e, por conta disso, leram, riram, se divertiram, mostraram para amigos, aí pegaram uma bíblia convencional e foram dar uma olhada para ver se eu não tinha inventado aquilo. E aí, de repente, descobriram que estava tudo lá. Então, ele é um texto que conduz as pessoas a uma visão um pouquinho mais aberta a respeito do que a escritura tem a dizer. Depois, o cara não precisa dele mais.

Branca Vianna: Talvez seja por isso – por ser tão conformado com essa ideia de que a tradução dele é efêmera, é descartável - que o Ariovaldo estique tanto a corda (mais essa corda) da temporalidade. Só pra você ter uma ideia: na Bíblia Freestyle, ele faz referências à série Crepúsculo, a Dragon Ball Z, à linha de cosméticos Jequiti, ao Batman, ao filme Esqueceram de Mim, ao Cid Moreira, ao Sérgio Mallandro, à série The Walking Dead, ao sabão em pó Omo, às lutas de UFC, ao TikTok, ao Incrível Hulk, ao Sílvio Santos... e por aí vai. Tem até hashtag no meio. Claro que um texto cheio de referências tão contemporâneas é mais fácil de entender, mas também envelhece muito mais rápido. Só que ele não parece tá muito preocupado com isso. E não só no que diz respeito à Bíblia Freestyle.

Ariovaldo Junior: Cara, eu tenho uns memes tatuados no braço e meu filho tem 13 anos, e ele fala esses memes idosos, memes da primeira geração,

mas boa parte das pessoas nem conhece, né? Eu tenho o meme era "Derpina, Fuck Yeah", que eram os da pré-história.

Branca Vianna: Tanto Bíblia Freestyle quanto a tatuagem de meme têm isso em comum, né? Tem um momento histórico em que elas fazem todo o sentido... e daí acabam ficando apenas incompreensíveis. Mas, se a gente parar pra pensar, em última instância, isso serve pra todos os textos. Pra tudo.

Ariovaldo Junior: No final, o nosso nome vai ser esquecido, mesmo, então eu não estou muito preocupado em eternizar nada daquilo que seja o meu trabalho e o meu esforço, não. Tô mais preocupado com as pessoas, e o quanto isso pode afetá-las. Na atualidade, mesmo, nos anos e nos dias que a gente está vivendo.

Branca Vianna: Por falar nos dias em que a gente tá vivendo, o Tarsílio me contou que eles tão sendo um pouco desafiadores pra ele.

Tarsílio Moreira: Infelizmente o mundo evangélico foi se transformando cada vez mais. E ficando muito radical. E eu acompanhei essa radicalização. O fundamentalismo foi chegando... o conservadorismo foi se transformando num fundamentalismo extremo, cada vez mais associado à pauta de costumes associada à política. Aí virou um caldo que ninguém mais consegue dissociar.

Branca Vianna: Ele ainda se considera pastor, mas no momento ele não tá mais pastoreando nenhuma igreja.

Tarsílio Moreira: Teve igreja que me perseguiu até eu pedir para sair e teve igreja que me pediu para sair, entendeu?

Branca Vianna: O Tarsílio disse que o caminho dele em direção a uma visão mais aberta do cristianismo, a uma visão mais preocupada com justiça social e com os mais vulneráveis na sociedade passou por muita coisa, não só pelo estudo da tradução. Mas quando você olha bem pra tradução, ela te dá uma visão de mundo em que a complexidade é inevitável, e as possibilidades de sentido também.

Tarsílio Moreira: Não sei especificar o porquê de eu ser tão questionador e nunca ter me moldado. Pode ser que venha daí, mas eu nunca aceitei ideias fundamentalistas que não admitem o contraditório, o paradoxo ou a polissemia. Nunca fui de admitir isso. Porque eu entendo, o próprio texto é amplo e aberto. Claro que tem coisas que, pela minha fé, eu fecho. Mas eu entendo que o texto bíblico ele é esse mundo dentro dele. A tal ponto de hoje eu sou professor de Bíblia Hebraica e eu procuro mostrar pros alunos essa multiplicidade de leituras que pode ter vindo, sim, da ideia da tradução. Essa ideia de que no mesmo texto tem ideologias diferentes, pontos de vista diferentes, autores diferentes, forças diferentes agindo naquele texto e a gente tem que identificar se quiser trazer uma mensagem... Por isso eu até falo muito para os alunos que perceber essas coisas não diminui a minha fé, aprofunda minha fé, porque não tenho mais medo de ver contradição. A tradução é mais um elemento que mostra que não dá para ser tão a ferro e fogo, porque as coisas não são tão absolutas.

Branca Vianna: Essa história foi apurada pelo Tarsílio Moreira, colaborador da Rádio Novelo.

Obrigada por escutar mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. No post desse episódio no nosso site, tem o link da matéria original da Marie sobre os milagres de São Paulo, e, claro, o caminho das pedras pra você apreciar a Bíblia Freestyle. O Ariovaldo tirou alguns capítulos do Novo Testamento do ar e tá repostando aos poucos, mas tem ainda bastante coisa por lá.

Se, ouvindo o programa, você pensou: "Poxa vida, eu conheço uma história perfeita pro Rádio Novelo Apresenta", vai lá no nosso site e procura a seção "Envie uma pauta". Lá tem tudo explicadinho como mandar, e qual tipo de história se encaixa melhor no formato do podcast.

Fica aqui de novo o convite pra você assinar a newsletter do Rádio Novelo Apresenta – que, além de te lembrar de ouvir o episódio da semana, ainda traz sempre alguma dica da nossa equipe.

O Rádio Novelo Apresenta tá disponível nos principais aplicativos de áudio. E, se você ainda não segue a Novelo nas redes sociais, fica aqui esse convite também: procura lá @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro e pelo Plínio Lopes.

Nesse episódio a gente usou música original de Kiko Dinucci e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.